

CARTAS-CONSELHOS PARA UM DEVIR-EDUCADOR/A

Fernanda Monteiro Rigue^{id¹} e *Tiago Amaral Sales*^{id²}

Resumo

Este artigo mobiliza uma escrita-oficina interessada em ficcionar cartas-conselhos endereçadas a educadores/as que com elas se encontrem. As experimentações materializadas por intermédio de uma escrita inventiva e fabuladora seguem o desejo de instaurar micropolíticas que forjem um corpo atento e cuidadoso com a docência, a pesquisa e a educação. A partir de referencial teórico-metodológico-epistemológico das Filosofias da Diferença, lançamos ao mundo alianças que convidam um devir-educador/a a agenciar instantes de sutileza, cuidado, misturas e travessias por intermédio da escrita ficcional, como elo que estabeleça a ativação da presença, da transgressão, da experimentação.

Palavras-chave: Corpo; Docência; Educação; Escrita; Ficção.

ADVICE-LETTERS FOR A BECOMING-EDUCATOR

Abstract

This article mobilizes a writing-workshop implicated in fictionalizing advice-letters addressed to educators who come upon them. The experiments materialized through an inventive and fabled writing follow the desire to establish micropolitics that forge an attentive and careful body with teaching, research and education. Based on the theoretical-methodological-epistemological framework of the Philosophies of Difference, we launch alliances to the world that invite a becoming-educator to manage moments of subtlety, care, mixtures and crossings through fictional writing, working as a link that establishes the activation of the presence, the transgression, the experimentation.

Keywords: Body; Teaching; Education; Writing; Fiction

¹ Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora Nos cursos de Química (Licenciatura e Bacharelado) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal.

² Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutorando em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor no curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina.



1. Introdução

Este texto coloca-se na interface entre¹ o que fomos e estamos sendo no mundo², em nossas vidas, na pesquisa e na educação. Ele faz borbulhar memórias, aspirações, tensionamentos que nos produzem enquanto seres, da mesma forma em que se confundem com nossos pensamentos, práticas e experiências – que incluem o trabalho do/a educador/a.

Encontramo-nos cansados do excesso de pedagogias do controle, pautadas na produção de fronteiras que, burocratizadas, nos distanciam da presença da prática, do convívio com os/as estudantes, dos momentos de compartilhamento de ideias e pensamentos. Este texto vem ao encontro de nos colocar em contágio com a inventividade, com a promoção de um alargamento das nossas potências enquanto jovens docentes e pesquisadores³ – na medida em que também borra estas instâncias.

Nesse tom, flui “Uma questão necessária para a escrita, uma questão vital” (PONTIN; GODOY, 2017, p. 1565), afetada pelo desejo de deixar nascer registros interessados em cultivar o encontro com um/a educador/a, esse/a mesmo/a que produz a escrita, que é movido/a pelo gesto de escrever, que é potência e devir⁴. Encontros que criem zonas de reflexão, tensionamento, brechas para habitar com altivez a docência.

O que se está aqui construindo são pensamentos comprometidos com adiar o fim do mundo (KRENAK, 2019), esse mesmo mundo capturado pela cafetinização da vida (ROLNIK, 2018) e da neoliberalização da educação. Por percebermos que – como já nos alerta Ailton Krenak (2020) – a vida não é útil, e sim uma emergência de multiplicidades de agenciamentos de encontros e acontecimentos, fazemos a partir da opção pelo distanciamento desse excesso racionalizado de nós fortalecido pelos discursos eurocentrados, modernos e fortemente civilizatórios.

Evocamos, portanto, uma vida ativa que faz conexões e cortes, mergulhada pela mundanidade, o encontro com os seres (humanos e não-humanos), subjetividades fluidas e nômades, metamorfoseadas. Fazemos isso pois “Rachar o dualismo – humanos e não-humanos – é explorar um caminho aberto para valorização da vida que se regenera com os diferentes seres, que partilham de múltiplas experiências no nosso território” (SALES; RIGUE, 2022, p. 7).

¹ “É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (DELEUZE; GUATTARI, 2019, p. 49).

² “[...] não é um espaço definido pela ordem das causas, mas antes pelo clima das influências, a meteorologia das atmosferas” (COCCIA, 2018, p. 114).

³ Trazemos a dimensão de sermos jovens docentes e pesquisadores como maneira de colocarmos-nos – ou, quiçá, reconhecermos-nos – no lugar de incompletude, de uma formação em processo, em devir-criança que se movimenta, forma-e-transforma diariamente, cotidianamente, nas inconstâncias que marcam as nossas docências, as nossas pesquisas e as nossas vidas.

⁴ “Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem se ajustar a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10).



Trata-se, portanto, de agenciar cartas-conselhos que fabulam mundos – como “função fabuladora¹” (BERGSON, 1978), convocando nossos corpos à possibilidade de ampliar o estar vivo na docência, já que aprender é estar vivo (RIGUE; DALMASO, 2020) – entendendo que, nessa oportunidade, a ficção trata-se de “[...] um ato de escrita que opera divisões, alterações e redefinições na partilha do sensível, modificando as relações que estabelecemos com o real” (FLORIANOVITCH; VOJNIK, 2022, p. 103). Assim, apresenta uma potência inventiva que permite compreender a criação literária e narrativa como libertação, acionamento que transforma, metamorfoseia o que tem sido possível em educação. Acerca dessa perspectiva Florianovitch e Vojniak (2022) escrevem que:

A afirmação de que a história é também, entre muitas coisas, uma ficção, portanto, não implica na descaracterização ou na desvalorização do conhecimento histórico, mas implica reconhecer que o historiador, assim como o literato, o poeta, o jornalista, entre outros, também opera com a “ficcionalização” da realidade, lançando sobre esta última olhares, perspectivas e horizontes que não eram provenientes dela (p. 91).

Em estudo recente, Durval Albuquerque Júnior (2019) discorre que o próprio movimento de constituição da ciência faz parte de uma forma de ficção, já que essa emerge no cerne de uma série de relações de forças que engendram o saber e o poder.

[...] é possível fazer funcionar ficções no interior da verdade, de induzir efeitos de verdade com um discurso de ficção, e de fazer com que o discurso de ficção suscite, ‘fabrique’ alguma coisa que não existe ainda – portanto, ficção. ‘Ficcionalizar’ a história a partir de uma realidade [...] que a torne verdadeira, ‘ficcionalizar’ uma política que não existe ainda a partir de uma verdade histórica”. Esses efeitos de verdade não têm somente o objetivo de produzir uma verdade alternativa, mas também de tornar manifesto que a verdade se produz e que é necessário descrever, analisar as operações de sua formação (ALBUQUERQUE JR., 2019, p. 11).

Nesse sentido, é possível afirmar que “[...] a ficção confunde-se com a estruturação e a significação da própria vida, ela é elemento central em nossa existência como sociedade e comunidade e dá sentido às nossas ações (...)” (FLORIANOVITCH; VOJNIK, 2022, p. 91). Por isso, em se tratando de pesquisas voltadas às Ciências Humanas, a ficção vai se constituir como elo que aproxima diferentes camadas de percepções e criações de mundo.

É por meio das experiências vividas em nossos corpos, imersos² entre pesquisa e educação, que emergem as linhas destinadas a quem com ela deseje

¹ Função fabuladora como necessidade vital, “[...] uma reação da natureza contra o que poderia haver de deprimente para o indivíduo, e de dissolvente para a sociedade, no exercício da inteligência” (BERGSON, 1978, p. 169).

² Conforme escreve Coccia (2018) “[...] estar imerso é fazer a experiência de estar em alguma coisa, que por sua vez está em nós” (p. 69). Para o autor, estar imerso é compor com a matéria do universo, com os movimentos, com as derivas e os devires de metamorfose que constituem tudo que é vivo.

se encontrar. São materializações de desejos, sonhos, palpites intuitivos, vontades emergentes – e urgentes! Esperamos que este arquivo de escritas possa ressoar em quem com elas se encontre.

2. Inspirações teóricas

“Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com palavras e, também que as palavras fazem coisas conosco” (LARROSA, 2019, p. 17). A partir do pensamento de Jorge Larrosa (2019), dimensionamos a escrita enquanto território potente para fazer vibrar a invenção de possíveis (DELEUZE, 2013) em trajetórias docentes.

As relações de forças que nos colocam para tecer o presente escrito partem do nosso desejo de fluir/fruir pistas desejantes de um devir educador/a:

É que devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 64).

É pelo-com-nos desejos que mobilizamos estas escritas. Palavras-desejosas, lampejos de vida, mundos possíveis. Como movimento de passagem, devir-educador/a incita despertar e descobrir paraquedas coloridos¹ (KRENAK, 2019) a partir das nossas aproximações e inspirações teóricas – como “[...] ressonância vital” (SANT’ANNA, 2001, p. 87) conjuradas no campo das Filosofias da Diferença, de autores/as que nos servem de companhia e fomento para produzir pensamentos em educação.

Ativamos uma experiência ficcional que tem a potência de desterritorializar² o excesso do Antropoceno³ em nós, criando linhas de fuga

¹ Sobre os paraquedas coloridos, Krenak (2019, p. 21) reflete que: “Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grillados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos”.

² Entendemos o conceito a partir de Deleuze e Parnet (1998) que o pensam como uma linha de fuga “É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar. (...) Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia” (p. 49).

³ Sobre o Antropoceno, Krenak (2019, p. 34) afirma que: “A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluimos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver — pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres”.

(DELEUZE; GUATTARI, 2019) que nos aproximam de uma capacidade criativa, provocadora e inventora em educação, a partir da atenção (DALMASO; RIGUE, 2020) para os afectos.

Atenção em educação como cuidado ativo pensa e sente o que se passa na vida como afirmação, abrigando germes de futuro, num incessante devir que nos convoca a parar, tatear, sentir, experimentar. Afirmer a vida em educação implica dar passagem a uma vontade de potência de lançar-se ao incerto (DALMASO; RIGUE, 2020, p. 37).

Agenciamos uma tessitura calcada na caminhada do conhecer com vontade (STIRNER, 2001), mobilizada na “[...] língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2016, p. 23). Língua essa comprometida com a dimensão de que “Os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência... (alegria)” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 73-74).

O fazemos, pois, entendemos que “[...] o melhor dos mundos é não aquele que reproduz o eterno, mas aquele em que se produz o novo, aquele que tem uma capacidade de novidade” (DELEUZE, 2007, p. 136). A escrita, portanto, é esse lócus que máquina engendramentos para que possamos dar a pensar cartas-conselhos da/na/com a docência. Superfície por onde deslizam camadas moleculares em variação, interessadas em emitir singularidades desejanças atreladas ao viver, ao respirar, ao habitar, ao pulsar a docência.

Quanto afetos atravessam a formação inicial docente, intenso território de produção de si? Quais deles seguem reverberando na contínua preparação para o exercício no magistério? O que, de fato, abre-se de portas a partir da pós-graduação stricto sensu aos exercícios no tão falado chão da escola? Como a experimentação em sala de aula mostra quão (des)preparado se está para o ser-estar-fazer-se professor? Existiria, por fim, um estar pronto para atuar nos espaços educativos? De que maneiras é possível se animar, encantar e alegrar com as travessias que se mostram inevitáveis para potencializar o exercício professoral, em devir, nos movimentos e nas poéticas que se fazem a partir dos estranhamentos e experimentações possíveis? (SALES, 2022, p. 25).

Estar atento aos movimentos da docência-vida, como mobiliza Tiago Sales (2022), imbricar-se em escritas, materializar os afetos que pedem passagem ao percorrer territórios educativos. Perceber que o movimento é imanente à nossa existência enquanto professores/as e pesquisadores/as.

Salta, portanto, a relevância dessa movimentação contagiante que aproxima nossos corpos de um devir, já que “[...] todo devir é um devir-minoritário” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 87). Micropolíticas são, portanto,

modos de vida minoritários que inauguram relações de diferenciação, expressando imprevisibilidades potentes que nos permitem viver com.

O intempestivo, o imprevisível, esse mesmo que se faz permanente como abalo em nossos terrenos de docência, portanto, é dimensionado como significativo, já que viabiliza o diferir, o estranhar, o tensionar, o viver, o aprender além daquilo que tem sido tomado como 'ideal' nas forças neoliberais do presente. Tornar-se sempre outro/a é descontinuidade que arrebatada as noções de verdade e identidade na docência, o que faz com que o "[...] atletismo para imobilidade" (CORRÊA, 2006) –esse mesmo enrijecimento estático, fixo e apriorístico que nos traz a falsa impressão de que estamos formados, prontos, ou que há alguma garantia quando a temática é docência, relações educacionais e aprendizagem, seja tensionado, já que na prática o que visualizamos, com recorrência, é isso, o abalo das noções de verdade que, por vezes, acaba nos imobilizando.

A composição de zonas de vizinhança nos aproxima do lugar de fazer ver (LAPOUJADE, 2017) relações outras com a docência, como terreno fértil dentro do espectro teórico das Filosofias da Diferença. Com elas, torna-se possível maquirar perguntas que realmente importam, a partir da ampliação dos horizontes de possibilidade de entendimento de si no/com/para o mundo. Entendendo que esse mundo – vastidão plural – é também o que tem sido possível em educação(ões), práticas tecidas pelos corpos, encontros, múltiplas composições entre seres. São as heterogeneidades e as diferenças que nos movimentam.

3. Metodologia

Este texto é produzido como escrita-oficina, inspirado na noção de Vivian Pontin e Ana Godoy (2017). Nessa perspectiva, colocamos a "[...] escrita em contágio com a oficina – porque são fazeres que se dão em diferentes nichos de trabalho, são fazeres com elementos heterogêneos que convergem para um fazer-escrita" (p. 1564).

Tal fio condutor opera com intento de "[...] dar potência a essa vida inventada numa escrita" (PONTIN; GODOY, 2017, p. 1563), interessada em dar passagem para pensamentos, inquietações, desejos, problemas, e... e... e...¹ Por isso, irrompe:

Inventar modos de se aproximar dos saberes, objetos de pesquisa, problemas de pesquisa, ciências, filosofias, literaturas, referências bibliográficas. Politizar a escrita, ou o fazer-escrita, é fazer circular afetos com ele, delirar vidas nessa escrita, sair do prumo, sair do sulco que coloca a vida e a escrita nos eixos (PONTIN; GODOY, 2017, p. 1567).

Agenciamos escritas por intermédio de cartas-conselhos, como quem escreve bilhetes para serem lançados ao mar em garrafas de vidro – ou, quiçá,

¹ Inspirado no conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari (2019).



sem garrafas, na finitude que consiste no encontro entre a água e o papel –, para serem jogados no ar, como sementes aladas, como quem guarda para si e para o futuro as afecções que habitam a educação. Tais escritas emergem a partir de encontros presenciais e remotos entre nós, autores/as, bem como trocas de mensagens instantâneas que permitiram que déssemos vazão a linhas de pensamento e de criação. Estas linhas são marcadas por detalhes, meticulosidades que dão pistas para nosso corpo educador/a habitar a docência e a vida. Engendramos micropolíticas interessadas em perseverar, anunciar “[...] mundos por vir, num processo de criação e experimentação que busca expressá-los” (ROLNIK, 2018, p. 131).

O fazemos também inspirados na obra *Semente de crápula: conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la*, de Fernand Deligny (2020), a qual estabelece elos com essa proposta de produzir cartas-conselhos para entrelaçar docência e educação.

Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. [...] Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir (DELEUZE, 1997, p. 11).

Por isso, “Escreve-se com (o que se caça) e escreve-se como quem caça, mas só caça aquele que simpatiza” (PONTIN; GODOY, 2017, p. 1565). Simpatizamo-nos com nosso porvir, com que facetas de nós (com os outros) que encontraremos daqui dez, vinte ou trinta anos, quem sabe. Por conta disso, essa escrita-oficina também é uma aposta, uma esperança de que teremos a chance de encontrá-la, em breve, para continuarmos desejando, traçando possíveis a partir de um investimento no nosso próprio potencial vital.

Uma escrita-oficina, para além da experimentação, exige a feitura de alianças, exige uma trama de fios, exige que se criem laços, muitas vezes de conexões estranhas, esquivas, não esperadas, que a escrita encontra a ocasião de trazer à tona (PONTIN; GODOY, 2017, p. 1563).

Nosso tráfego, portanto, suspende o presente a partir da criação de narrativas¹ poéticas com/no existir. Interseccionamos imagens², conceitos, noções, pensamentos, sem o desejo de criarmos fronteiras e aprisionamentos teóricos.

Tomamos nossas subjetividades como materialidade para criação de pensamentos na/com/a docência, já que “[...] escrever não é contar as próprias

¹ “A narrativa enquanto narrativa que se afirma como fala da fala não precisa de comprovação, ao passo que assume em seu próprio enunciado a impossibilidade de se apresentar como reflexo do mundo, assim como a inviabilidade de estar vinculada à reflexão de uma consciência, pois o que emerge aqui é a linguagem em sua nudez de palavra já vazia, destituída da presença que enuncia; em uma busca contínua escavada em si mesma, para lá do conteúdo, nas margens errantes de seu fora; dobra na obra” (FORSTER; SILVA, 2013, p. 107).

² “Não se trata apenas de uma imagem [...], mas da criação de uma postura investigativa exposta a riscos e atenta às imprevisibilidades” (VAZ, 2018, p. 01).

lembranças, suas viagens, amores e lutos, sonhos e fantasmas” (DELEUZE, 1997, p. 12), ao contrário, é maquinar subjetividades marcadas pela história, acontecimentos de um tempo, de existências mínimas:

Se somos “tocados” pelo fato de perder o direito ao toque, impedidos de agarrar com as mãos o leque de ofertas que produzia certo modo de existir, certo modo de subjetivação, também somos convidados a resgatar camadas de sensibilidade esquecida, através do exercício da escrita que pode deixar registrado para viventes de um futuro distante a memória de que em cada gesto mínimo coexistem muitos modos de existir (AZEVEDO, 2020, p. 166).

Mobilizamo-nos. Daí, portanto, emergem constelações, inventividades plurais e desviantes que se fazem eco (BLANCHOT, 2011), a partir do encontro com pensamentos companheiros (SANT’ANNA, 2001) – calcados na arte de ficcionar:

[...] há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de ordem sentimental e emocional. Estas realidades, por certo diversas, não são ficções, nem tampouco se transformam em tais pelo fato de entrarem na apresentação de textos ficcionais. Por outro lado, também é verdade que estas realidades, ao surgirem no texto ficcional, neles não se repetem por efeito de si mesmas. Se o texto ficcional se refere à realidade sem se esgotar nesta referência, então a repetição é um ato de fingir, pelo qual aparecem finalidades que não pertencem à realidade repetida (ISER, 2002, p. 958).

Ficcinar é, assim, também arregimentar a literatura, a poética e o sensível. Por isso, as cartas-conselhos são também estéticas que evocam a presença da imaginação, de uma sensibilidade atenta, ativa, desviante, para além do intento representativo hierárquico (FLORIANOVITCH; VOJNIK, 2022) da racionalidade científica hegemônica. A ficção, portanto, também maquina pesquisas que renovam o caráter científico, transgredindo fronteiras e limites do conhecimento, sendo, assim, como escrevem Florianovitch e Vojniak (2022), “[...] condição e condicionante das formas de se estar no mundo, de ser, sentir e pensar o mundo” (p. 108).

4. Cartas-convites

*Escrevo como quem manda cartas de amor...
Emicida*

Nessa etapa produzimos dez cartas-conselhos que dedicamos a nós, educadores/as. São escritas-desejantes, ensaiando maneiras de inspirar e expirar¹, habitar a educação e constituirmo-nos vidas imbricadas nesses

¹ “Inspirar é fazer o mundo entrar em nós – o mundo está em nós – e expirar é se projetar no mundo que somos” (COCCIA, 2018, p. 68).



territórios. Corpos agenciados, permanentemente convocados pelo mundo – esse mundo social, econômico, histórico, racional. Contudo, esse mesmo mundo que racha, dilacera-se, desterritorializa-se.

Escrevemos, inspirados na canção de Emicida, como quem rascunha cartas de amor. Com o anseio de algo que nos escapa às palavras. Assim, tecemos linhas para nós e para os outros, quem sabe como maneiras de instaurarmos possibilidades de comunicarmo-nos, distanciarmo-nos da miséria, já que “[...] a produção da miséria do afeto por si implica, imediatamente, a escassez de afeto pelo outro” (SANT’ANNA, 2001, p. 119). Teimamos, portanto, em agenciar cartas com gestos-palavras pulsantes que ampliem nossas forças, dentro de uma geografia (DELEUZE; PARNET, 1998) criadora de mundos.

Figura 1: Agenciamentos.



Fonte: autores (2022).

Carta-conselho I – Desejante

Educador/a,

Não esqueça todas as forças que contribuíram para que você chegasse até aqui. Sei, que, por vezes, atribulado/a com as demandas da rotina, você acabou se perdendo de todas as aspirações que o fizeram buscar essa atividade, esse fazer educacional.

Sabemos que na obrigação laboral da docência pode residir muito de cansaço e esgotamento. Assim, acolha tudo o que vier. É tudo legítimo.

Por sua vez, não esqueça do seu propósito, dos seus desejos, das suas ânsias, das suas escolhas, dos seus sonhos. Relembre e afirme o que o move. Não se esqueça de si, da sua criança, da sua infância, do que ressoa nas possibilidades

de brincar, de rir, de sorrir, de ser feliz, de se afetar, de sentir, de reconhecer-se como um ser sensível e sensitivo. Abraça o seu processo, cultive o cuidado de si e do outro. Acolha a sua trajetória. Viva o seu propósito. Reconheça a beleza do seu caminho.

Carta-conselho II – Docência

E agora, já te sentes preparado/a?
Já consegues projetar um formato idealizado aceito?
Criastes a máscara?
Ou, ao contrário, já superaste a idealização do que sejas habitar o mundo como educador/a?
Conte-me mais sobre isso. Conte a ti, conte para alguém, conte para o mundo. Ou, caso decida permanecer em silêncio, pense nisso. Repense.
Pare, respire, escreva, fale. Permita-se sentir – e expressar. Preste atenção ao que tem ressoado em ti. Aí estão muitas das respostas para se seguirem nestes caminhos.

Carta-conselho III - Envolver

Por muito tempo te disseram 'não te envolvas, são apenas alunos'.
Te deixaram acreditar no distanciamento.
Te convocaram a experimentar a indiferença.
E agora? Como tem sido lidar com essa falsa crença?
Percebeste que, na verdade, não há como se distanciar do outro?
A docência é encontro – consegues sentir?
Já podes criar – tu mesmo/a – os elos indispensáveis para promover espaços de pensamento e de formação?
Já consegues cultivar a confiança com eles para promoção de aprendizagens?
São muitos os dilemas e desafios...
Abraça-te. Abraça-os.
Eis, talvez, o único caminho possível: Envolver-te.

Carta-conselho IV - Composições

Estar atento.
Aberto ao que acontece. Ao que conosco mexe. Imerge.
Insurge. Renasce, remexe.



Tornar-te outro com eles/as.
Experimentar a docência com os/as estudantes.
Trabalhar para fazer (a) diferença. Fazer-se diferença.
Desfazer-se.
Refazer, de outros modos.
Desterritorializar para conectar – consigo, com o outro.
Conexão, contato, comunicação.
Os outros... somos nós também!
Não se esqueça disso!
Intensificar a docência é sobre deixar de ser cientificista para modular-se em acontecimento(s).
E... e... e...
É ampliar um corpo sensível, informulável.
Passagem.
Contemplação.
Aqui e agora.
E amanhã, quem sabe?
Nos resta, então, entregarmo-nos ao devir.
E ir.

Carta-conselho V - Atenção e força

Habitar a docência é imergir num mundo fantástico. Ora caótico, ora empolgante. Às vezes, ambos. Tudo junto. Ao mesmo tempo.
Um universo proliferante de possibilidades – caótico, repito!
Então, pare!
Pense. Sinta. (Res)Pira.
Perceba que a educação emerge em espaços repletos de atravessamentos que permeiam as nossas vidas por inteiro.
Então, caro/a educador/a, desejo-lhe força e muita atenção.
Ao adentrar uma sala de aula, uma escola, uma universidade, misturamos a nossa trajetória com a de tantos outros seres.
Cada estudante é um universo, e por isso é preciso cuidado ao nele tocar.
Também somos mundos inteiros em uma pessoa só.
Nos espaços educativos nos encontramos, tocamos e atravessamos.
Talvez, viver dentro das tramas do educativo seja contaminar-se com tudo isso que nos passa.
E, para isso, “é preciso estar atento e forte, [pois] não temos tempo de temer a morte”, como já cantava Gal Costa.



Carta-conselho VI – Cuidado

Querido/a amigo/a,
Cuidado com os perigos.
Com as cobranças excessivas.
Com os delírios desmesurados e despercebidos.
Com os instintos perdidos.
Atenção aos abismos.
Às burocracias malditas.
Aos abusos.
Aos cinismos.
Na docência, há sempre um risco,
Proeminente,
De demandar-se demais,
E desistir no caminho.

Carta-conselho VII – Abrir-se

Veja o hoje que se abre em flor.
Encontre em si a força que renova pelos encontros, pelos
contatos, pelo que difere de ti, que assusta, que causa
espanto, que desloca, desestabiliza, inquieta.
E transborda nos poros.
Acolha as dores, respeite as marcas, perceba a força que
emerge e renasce – em ti.
Reconheça a força dos encontros.
Com os outros, também nos tornamos outros.
Com os saberes que ensinamos podemos trilhar caminhos
múltiplos.
Podemos nos adequar à norma, e subvertê-la.
Pode, às vezes, parecer tudo perdido, mas não está. Há muito
a ser feito, e demanda, então, ir.

Carta-conselho VIII – Descanse, sempre que possível

Em alguns dias, tudo parecerá em vão.
Neste cansaço extremo, a serpente do niilismo bota os seus
ovos sorrateiramente.
É preciso afirmar a vida intensivamente e, para tal, o corpo
necessita estar bem.
Cuide-se!
Cuidar de si é a tarefa primordial para, então, poder também
cuidar do outro.



Sonhar uma sociedade em que possamos comungar de espaços comuns de vida-educação é também forjar ensaios de saúdes possíveis.
Então, caminhantes, ouçam o que lhes digo: descansem.
Durmam sempre que puderem.
Conversem, hidratem-se, exercitem-se, comam bem.
Amem, muito. Amem, sempre que puderem. Demorem e saboreiem o amor – próprio e dos outros.
Lutem por seus direitos.
Engajem-se politicamente.
Encontrem possíveis.
Criem possibilidades.
Articulem-se com os seus, com os nossos.
Juntos somos mais fortes, mas, para tal, necessitamos descansar.
Abraçam o repouso, a pausa, o respiro, sempre que possível.

Carta-conselho IX – Coloque-se no lugar: do outro?

Conviver com tantos outros é misturar-se com as suas histórias e subjetividades.
As nossas marcas hibridizam-se no fecundo contágio da vida.
Por tantas vezes, será difícil compreendê-las.
Compreendê-los e compreendermo-nos, também.
A infância ingovernável, a rebeldia, a indisciplina.
O desejo de desafiar a autoridade professoral poderá tirar-lhe do sério.
E, por vezes, talvez, a tirania de colegas o revoltará.
Também verá belezuras mil e encantamentos em sutilezas arrebatadoras.
Nos devires – estudantis e professorais – é possível encontrar certa força.
Nas incertezas que permeiam encontros-aulas, você pode achar e construir um espaço profícuo para uma formação que aconteça na-com-pela vida, nas multiplicidades que se abrem em diferenças.
Para tal, no entanto, na aventura de deslocar-se, Foucault nos deixa um aviso: para uma educação-vida não fascista, não caíamos de amores pelo poder.

Carta-conselho X – Encontre/o (um) possível

No que parecer terra arrasada, perceba que há sempre um possível.
Sutil. Suave. Efêmero. Avassalador.
Algo pode ser feito.
Acredite. Confie. Veja.
Não sei o que e nem como, mas sei que pode.
Respire, veja, esteja atento.
Sinta o seu corpo vibrando ao que lhe atravessa.
Escute, sinta, perceba, veja.
Cultive a atenção ao território ao qual você se situa.
Reconheça os possíveis que emergem nele.
E, assim, também explore os tantos encontros que puder viver, intensivamente.

5. Considerações finais

Ao longo desta escrita-oficina (PONTIN; GODOY, 2017) agenciamos cartas-conselhos endereçadas a educadores/as. Foram escritas mobilizadas em nossos desejos, anseios e sonhos. As linhas são marcadas pelas nossas experiências através da ativação do corpo vibrátil (ROLNIK, 2016), desejante por ficcionar (FLORIANOVITCH; VOJNIAK, 2022; ISER, 2002; ALBUQUERQUE JR., 2019) realidades – na medida em que as cria –, espaços-tempo que envolvem a docência, a escola, a universidade, o mundo em educação.

A partir das sutilezas ficcionais que tangenciamos, esperamos, sinceramente, que essas cartas possam ressoar nas vidas que com elas se encontrem. Feito cartas-conselhos lançadas ao mundo, retornem em possíveis afecções, feitura de alianças que suscitem em experiências mais alegres, melódicas, já que “[...] a sutileza é sempre algo que se aprende” (SANT’ANNA, 2001, p. 125).

Empreender o gesto de cuidado com o que somos, estamos sendo e podemos rizomar em educação é cultivar uma atenção (DALMASO; RIGUE, 2020) para/com o corpo, essa composição viva singular por onde flui a docência.

As aprendizagens decorrentes dessa experiência de ficcionar cartas-conselhos apontam para um potencial educativo que conecta nossos corpos às nossas atividades, nossos fazeres docentes. Fragmentos, lampejos e dobras que permitem criar vidas, modos de existir, atualizar a própria forma de se relacionar com o mundo, as práticas, as pesquisas, e... e... e...

Desejamos, portanto, que o devir-educador/a possa agenciar instantes de sutileza, cuidado, misturas e travessias por intermédio da escrita ficcional, como elo que estabeleça a ativação da presença, da transgressão, da experimentação. E, por fim, que cada palavra aqui forjada ressoe em afecções

a quem com elas se encontre, inspirando e dando força para ensaiar modos possíveis de aprender e de educar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos**: novos ensaios de teoria da História. São Paulo: Intermeios, 2019.

AZEVEDO, Adriana Barin. Como narrar o corpo mínimo? **Revista Criar Educação**, Florianópolis, v. 9, p. 148-167, 2020.

BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1978.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

CORRÊA, Guilherme Carlos. **Educação, comunicação, anarquia**: procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

DALMASO, Alice Copetti; RIGUE, Fernanda Monteiro. O convite da Atenção e seus Efeitos em Educação: entre labirintos, feitiçarias e cuidados. In: NEUSCHARANK, Angélica; HALBERSTADT, Ismael Alan; ZANATTA, Josias Maier (Orgs.). **Possibilidades... Aprendizagens, experiências e gestão na educação**. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas, p. 19-40, 2020.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **A dobra**: Leibniz e o barroco (L. Orlandi, Trad.), (4ª ed.). Papyrus, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: **Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. 2. ed. São Paulo, Ed. 34. 2019.

DELIGNY, Fernand. **Semente de crápula**: conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la. São Paulo: N-1 edições, 2020.



FORSTER, Gabrielle da Silva; SILVA, Vera Lúcia Lenz Vianna da. Devir-ele: o neutro na literatura. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 23, n. 46, 30 jul. 2013.

FLORIANOVITCH, Lucas; VOJNIK, Fernando. Transgressão Sensível: A História e as Ciências Humanas nas margens da Ficção. **Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 9, n. 1, p. 85-113, 30 nov. 2022.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa Lima. (org.). **Teoria da Literatura e suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol. 2, 2002.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 175 p. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)

PONTIN, Vivian Marina Redi; GODOY, Ana. das escritas, dos corpos. afetos e entretempos. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 63, p. 1559-1569, set./dez. 2017.

RIBETTO, Anelice; RATTERO, Carina. Cenas para pensar a educação na diferença. **Revista Educação Especial**, vol. 30, núm. 58, mayo-agosto, 2017, p. 361-371.

RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti. Estar vivo: Aprender. **Revista Criar Educação**, v. 9, n. 3, ago./dez., p. 130-147. 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SALES, Tiago; RIGUE, Fernanda Monteiro. Diversidade, Direitos Humanos e Direito à Vida no ensino de Ciências Naturais. **Bio-Grafía. Escritos sobre la Biología y su enseñanza**, Bogotá, v. 16, n. 30, 2022. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/bio-grafia/article/view/17825>. Acesso em: 30 nov. 2022.

SALES, Tiago Amaral. Quando o Cartógrafo vai a Campo: travessias e poéticas de um jovem professor. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 23, p. 24-41, nov. 2022b. Disponível em: <https://www.e->



publicacoes.uerj.br/index.php/revista-teias/article/view/70186/43952. Acesso em: 6 dez. 2022.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

STIRNER, Max. **O Falso princípio da nossa educação**. Florianópolis: Editora Imaginário, 2001.

VAZ, Tamiris. Devir-descarte: habitar transbordamentos. **ClimaCom** [online], Campinas, n. 11, a. 5, abr., 2018.

Recebido em: 03 de dezembro de 2022.

Aceito em: 10 de setembro de 2023.

Publicado em: 26 de novembro de 202x.